

exposição

distensão da alma



Patrícia Magalhães

info@patriciamagalhaes.com
www.patriciamagalhaes.com



exposição

distensão da alma

Patrícia Magalhães

6 a 20 de Julho de 2022

Espaço Cultural Mercês
Rua Cecílio de Sousa, 94
Lisboa

Com o meu sincero agradecimento a:

Ana Henriques da Silva Sanches

Antonieta Cabanas

António David

Carlos Oliveira

Elisabete Costa Saldanha

José Veras

Maria Alice La Fuente

Maria da Conceição Esteves Lima

Maria Melo

e a:

Cédric Santos

Cristina Lebre

Francisco Duarte Coelho

João Charepe

Pedro Arrifano

Persistir no existir da Obra

Existem duas maneiras de abordar a materialidade do mundo/das coisas. Rodeando-as ou entrando nelas. Patrícia Magalhães escolhe entrar nas coisas, opta por penetrar na duração da matéria e não conhecê-la propriamente. Desta forma, faz voltar a consciência para a duração interior do “eu profundo”, esse lugar onde cada facto interpenetra outro facto. Nesta sua exposição “distensão da alma”, a artista procura a realidade das coisas fora do que se move, muda e fora dos nossos sentidos e do que a consciência percebe. A realidade que lhe interessa é a movente e a memória que visa é a persistente. Em ambas encontra a revelação, o intervalo, a duração...a diferença naquilo que se repete. No conjunto das suas obras podemos perceber uma estética da inexistência ou, de outra forma, uma estética do tempo reversível; contrária ao tempo que depende do movimento e em que o próprio ser do tempo é irreversível: tempo da degradação. Na realidade, Patrícia Magalhães quer libertar-se do tempo que caminha para a degradação e mergulhar num tempo-criação. Para haver tempo é necessário que haja movimento: blocos de espaço-tempo. Sempre que nós

pensamos o tempo — invariavelmente — nós pensamos o tempo como sendo uma sucessão: alguma coisa que começa no passado; vem para o presente; e vai para o futuro. Sucessão é sinónimo de movimento. No plano da realidade quotidiana as dimensões do tempo passado, presente e futuro são muito fáceis de entender. Entendemos o tempo como se fosse uma sucessão. A sua passagem é regida pela lei da irreversibilidade, ou seja, sendo irreversível, ele só se movimenta para a frente. Deixa assim de haver retorno, quer dizer, o que foi não volta mais. O presente é sempre um "tempo-perdido", uma perda de nós próprios e dos que nos pertencem... A possibilidade que haveria de salvar este tempo que se perdeu é esgotada num momento anterior. O tempo trás consigo algo de ontologicamente sacrificial... de doloroso, numa dupla amplitude: como sofrimento do mundo e como intensificação da sua experiência.

Patrícia Magalhães ao aventurar-se num tempo-criação acaba por encontrar o seu problema/tema: se o tempo está intimamente ligado ao movimento, então libertar o tempo é vencer a degradação, entenda-se a morte (de si e da obra). O que a artista coloca nas suas obras são as vibrações do tempo e do pensamento: o tempo e o

pensamento a vibrar. Não tem como questão representar aquilo que observa, mas libertar o invisível da natureza – e esse invisível são as forças do tempo e as forças do pensamento. Neste processo, o tempo vai perder a regularidade ao separar-se do movimento e libertar-se no sentido de ganhar pensamento. Para a artista pensar é sinónimo de conquista de tempo na arte e contrário ao senso-comum que vive na lógica da sucessão (repetição sem criação). É pois na Durée que o pensamento tem a possibilidade de se libertar do movimento. Nesse intervalo que se quer longo a criação e a obra de Patrícia sobressai. Nesse pequeno intervalo preenchido por afetos-memória/forças intemporais, a artista, mais do que tentar perceber o mundo, torna-se vidente, pois ao querer conhecer a duração das coisas, vai ver o que outros não vêem e assim tocar o fundo do tempo para nelas (coisas) entrar. Deste modo, ocorre um conjunto de obras que são pura memória actualizada, reinterpretação – subjectividade autentica...persistir no existir da memória feita em Obra. É, pois necessário organizar a nossa subjectividade pois todo aquele que tem o poder sobre o tempo torna a sua vida bela.

Pedro Miguel Arrifano

A small, rectangular piece of white paper with handwritten text, pinned to the left side of the wall.





Small white card with text, partially obscured.

Small white card with text.

Small white card with text.



Small white card with text.

Small white card with text.

Small white card with text.

“A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente.”

A frase é atribuída a Albert Einstein e ele referia-se, é claro, ao Tempo físico, quantificável e mensurável, e não ao Tempo intangível e filosófico, percebido como o campo das nossas vivências.

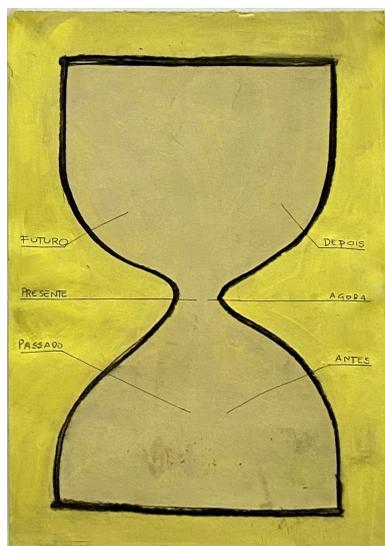
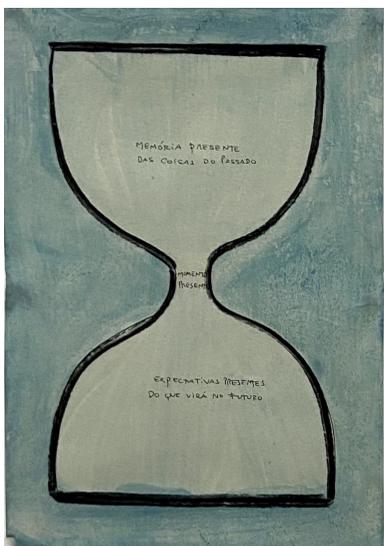
Henri Bergson, contemporâneo de Einstein, defendia uma ideia completamente diferente, em que o futuro e o presente não existem, em que só há o passado. E em que somos, a cada momento, o resultado das vivências passadas.

Se assim for, então é indissociável pensarmos na enorme plasticidade da Memória. A tal que nos prega partidas, que umas vezes esconde e outras revela, que sobrepõe, mistura e chega mesmo a alterar as recordações que guardámos. Como se fossemos feitos de múltiplos planos que se sobrepõem, em que as impressões do que sentimos se intercalam e se vão modelando com o passar do Tempo e que dependem do estado emocional em que as evocamos

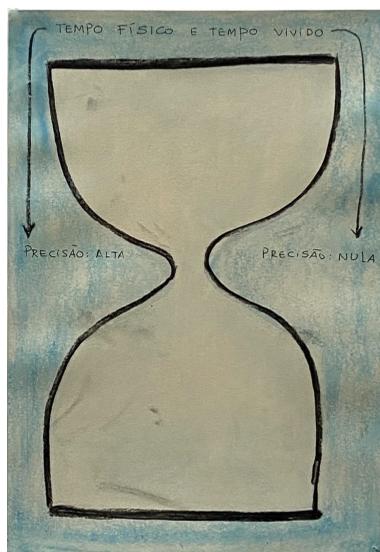
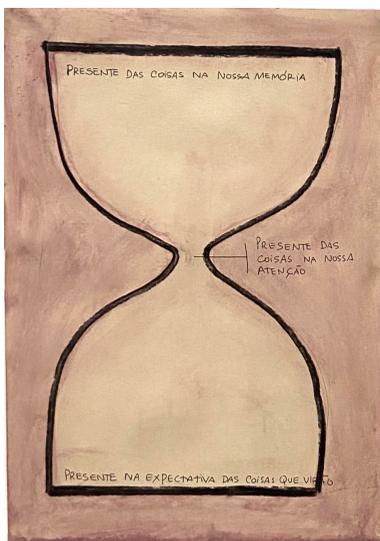
Justapor cinquenta e um desenhos e duas instalações que evocam noções tão distintas sobre o mesmo assunto não é inocente. Não é uma competição entre teorias de diferentes correntes de pensamento porque, há luz desta exposição, todas são verdadeiras, mesmo que se contradigam. Todas são verdadeiras, exatamente porque todas coexistem no Tempo.

O fascínio por estas matérias foi o fio condutor para as interpretações plásticas em que trabalhei nos últimos meses e que resultaram na seleção de trabalhos que agora exponho com o intuito, talvez um pouco provocatório, de nos tocar no ombro, mesmo que ao de leve, pedindo uma reflexão que perdure para lá da visita à exposição, que saia connosco e nos deixe a pensar...

Afinal o que significa, para cada um de nós, isso do Tempo e da Memória?



O título da exposição remete-nos para um Tempo eterno e divino, a que Agostinho de Hipona, há mais de mil e quinhentos anos, chamou “Distensão da Alma”. Nele, o passado e o futuro não existem, há apenas o presente: o momento presente que inclui a memória no presente das coisas passadas e as expectativas no presente do que o futuro trará.



Dispositivo de tempo, #8 a #11, 2021
guache sobre papel
30 x 21 cm cada



Ideia Simples, Ideia Complexa #1 e #2, 2021
acrílico, barra de óleo e carvão sobre papel
110 x 85 cm





Ideia Simples, Ideia Complexa #3 e #4, 2021
acrílico, barra de óleo e carvão sobre papel
110 x 85 cm e 85 x 110 cm



Evocando o pensamento de David Hume, a dicotomia memória-imaginação é interpretada em quatro andamentos, como uma metamorfose das percepções que se transformam de ideia simples em ideia complexa.

Cathedral clock

1392 - surviving mechanism, replaced in the 19th century; face is still in the cathedral .

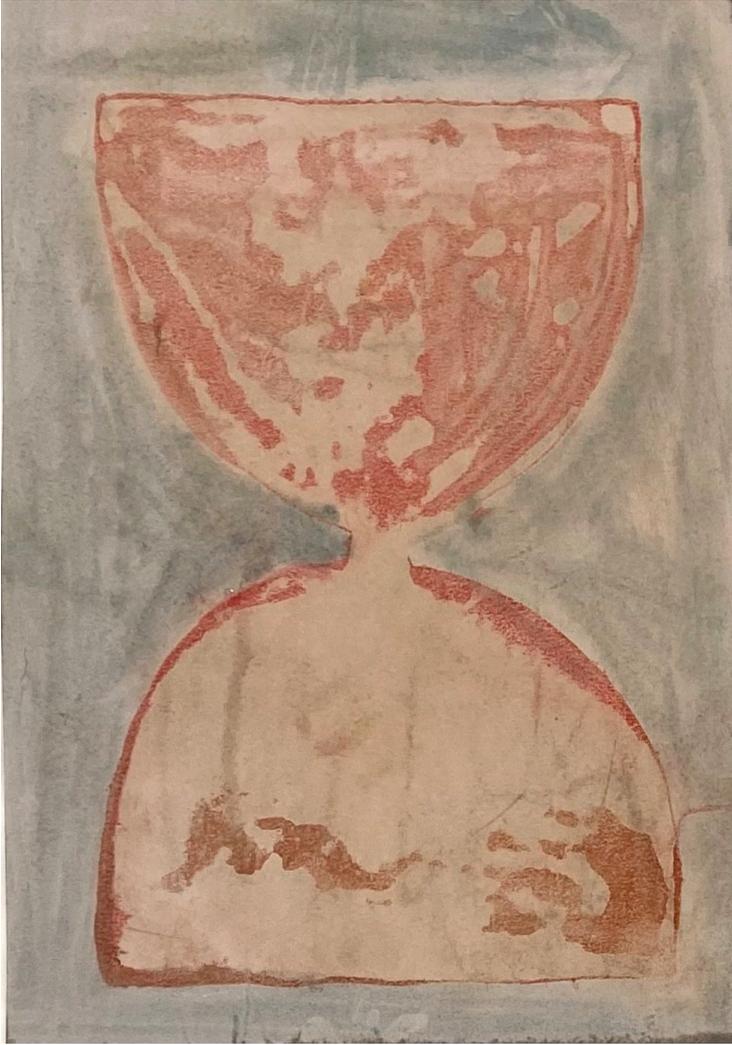
*Tempo Físico
precisão 85%*

*Tempo Vivido
precisão nula*

(inscrição no verso)

Dispositivo de tempo #12, 2020-2021
toner, guache e barra de óleo sobre papel de arroz
montado sobre papel de algodão e papel kraft
126 x 178 cm







Dispositivo de tempo, #5 a #7, 2021
guache sobre papel
30 x 21 cm cada





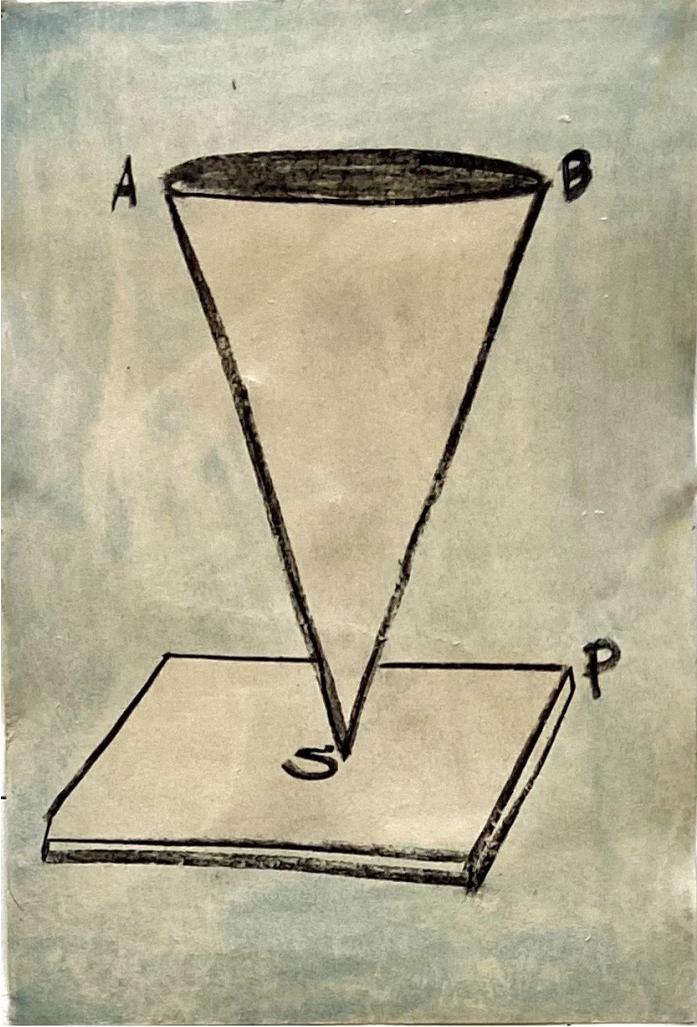
Dispositivo de tempo, #1 a #4, 2021
guache sobre papel
30 x 21 cm cada

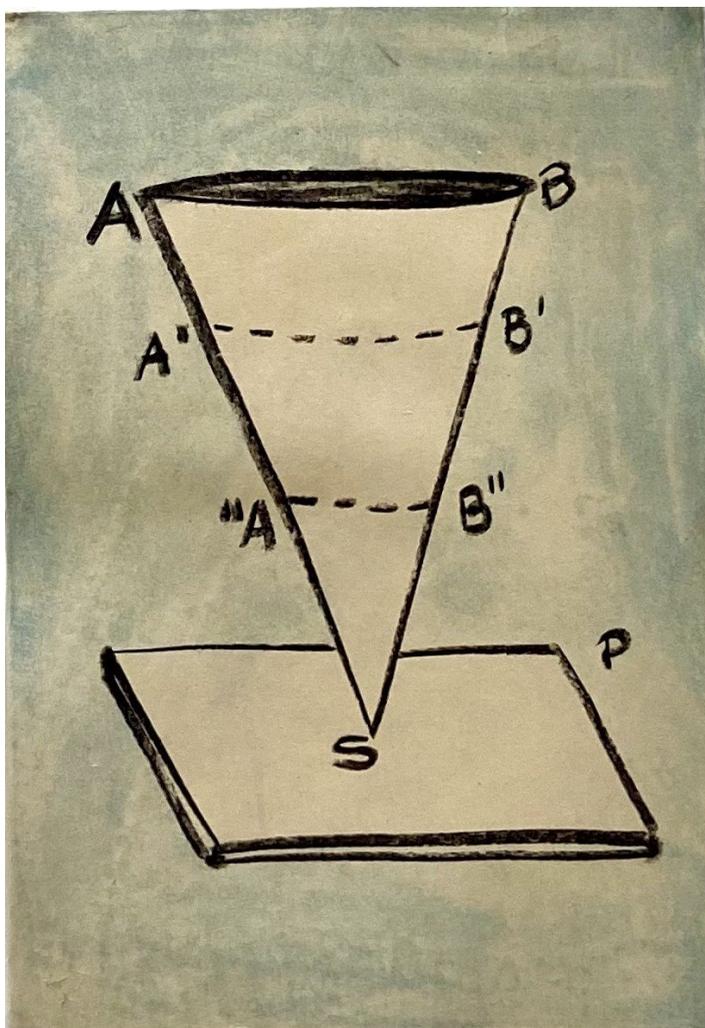
Dispositivo de tempo #13, 2016-2021
toner, caneta e corretor sobre papel
1270 x 1782 cm

Um calendário impresso e preenchido, mês a mês, durante três anos; uma antiga agenda profissional (a minha) que, por muito que se pergunte, não se discorre por que razão se guardou todos estes anos.

Há um ritmo naquelas trinta e seis folhas que se sucedem, formando um padrão modular, repetição que é, afinal, transversal a todos os trabalhos da exposição, como uma analogia à noção de múltiplos planos temporais, distintos e heterogéneos.

Em oposição ao tempo físico, em cada gesto convivem momentos de investigação, com momentos criativos, momentos de produção e até de exposição. Ações que acontecem em “la durée” como concepção intuitiva de um Tempo que abarca a imaginação e a liberdade.





Cone da Memória #1 e #2, 2021
guache e carvão sobre papel
30 x 21 cm cada





NOT a self portrait, 2021
(34 desenhos, 42 x 29,7 cm e 42 27,8 cm)
guache sobre papel
dimensões variáveis

O conjunto de trinta e quatro desenhos paradoxalmente intitulado 'NOT a self portrait' enche uma parede com outro padrão modular.

Constitui-se como uma proposta para uma leitura da Memória como concepção de caráter múltiplo, difuso e caótico, que se desdobra a partir da ligação de múltiplos planos temporais, características que - segundo Deleuze - conferem ao que entendemos como Memória uma enorme plasticidade e maleabilidade que permite que as reconstruções e mnemónicas de cada um sejam tão únicas como um retrato.

Neste caso, únicas como auto-retratos que, assim agrupados, deixam de o ser para apenas representarem a Memória.



“Fazes-me falta.

*E essa sensação de vazio,
forte no momento em que assumi que te perdi,
jamais se dissipa por completo
e retorna, oportunista, vezes sem conta
assim que entreabro, mesmo que ao de leve,
aquela porta de ferrolhos pesados
com que acedo ao mais escuro de mim.*

Tudo pára nesse instante.

*A passagem do tempo perde o sentido
e trava a fundo, sem criar inércia,
vai num ápice do compasso rápido da vida
para a lenta agonia do que podia ter sido,
visível apenas no vidro dos meus olhos
que ainda te procuram.*

Fazes-me falta.”

(inscrição nos braços da cadeira)

Fazes-me falta, 2021
tinta permanente sobre cadeira,
almofada e manta de croché
dimensões variáveis
(imagem da maquete)



O vazio da cadeira, o padrão de cores que
mimetiza o conjunto de retratos de 'NOT a self
portrait' e o próprio texto inscrito nos braços da
cadeira, tudo ali nos convoca uma Memória que
será, certamente, diferente para cada um de nós
se pensarmos...quem é que me faz falta: quem já
partiu, um filho que nunca foi gerado, ou alguém
de quem nos afastámos?

Ou todos eles?



MISERICÓRDIA
JUNTA DE FREGUESIA